

PORQUE INGRESSAR NA WICCA? E A PERMANÊNCIA É PLAUSÍVEL?

WHY JOIN IN WICCA? AND IS IT PLAUSIBLE TO STAY IN?

Karina Oliveira Bezerra¹

Resumo

No meio da grande variedade de produtos (doutrinas e práticas), oferecidos pelo mercado, que muitas vezes tem provedores (conjunto de organizações) amplamente apelativos, quais foram as “boas razões” para o mercado de seguidores (demanda) ter escolhido a Wicca como religião? Quais foram os custos e recompensas/compensadores para a entrada? Foi por meio do pluralismo, ou seja, da desregulação da economia religiosa pelo Estado, que a Wicca conseguiu entrar e se manter como uma oferta religiosa no mercado religioso. A Wicca não é uma “tradição religiosa convencional”, causando uma “tensão com o ambiente sociocultural”. E essa tensão é em grau elevado, visto seus preceitos neopagãos chocarem-se com as respostas legitimadas socialmente. Dessa forma, quais são os custos e recompensas/compensadores para a permanência do adepto?

Palavras-chaves: neopaganismo, aderência e motivações religiosas.

Abstract

In the middle of variety of products (doctrines and practices) offered by the market, which often have providers (set of organizations) largely appealing, what were the "good reasons" for market followers (demand) to have chosen Wicca as religion? What were the costs and rewards/compensations for the entrance? It was through pluralism, in other words, of the deregulation of the religious economy by the state, that Wicca was able to enter and stay as a religious offering in the religious market. Wicca is not a "conventional religious tradition", causing a "tension with the sociocultural environment." And this tension is at a high level since its precepts neopagans collide with the answers socially legitimized. Thus, what are the costs and rewards/compensating for the permanence of the adept?

¹ Graduada em História e Mestre em Ciências da Religião, ambos pela UNICAP. E-mail: karina.olibe@hotmail.com Site: www.cliografia.com

Key-words: neopaganism, adherence and religious motivations

Introdução

Este artigo faz parte da dissertação de mestrado da autora, defendida em 2012. Para conseguir as respostas para as indagações expostas no título desse trabalho, aplicamos 40 questionários com 26 perguntas, e realizamos três entrevistas com wiccanos residentes na Região Metropolitana do Recife, em 2011. A metodologia utilizada para organizar os questionários e entrevistas foi a *análise de conteúdo*. De acordo com o método, explorou-se o material, apresentaram-se os gráficos e inferiram-se sínteses sobre os dados coletados.

Para análise e considerações de como se dá o ingresso e permanência, utilizamos a teoria da *escolha racional*, defendida por Rodney Stark e William Bainbridge, nos livros *Uma teoria da religião* e no *O crescimento do cristianismo*. E a teoria das *estruturas de plausibilidade*, encontrada no *Dossel Sagrado* de Peter Berger.

Para Rodney Stark (2008, p. 241) “Quando mudanças culturais ou outros fatores produzem novas necessidades e novas condições de vida para inúmeras pessoas, a taxa de formação de culto aumentará proporcionalmente.”

No final do século XIX, quando o neocolonialismo estreitou as relações do Ocidente com a África e o Oriente, e antropólogos escreviam sobre os povos antigos e tribais, ganhou força na Inglaterra, sociedades e ordens ocultistas, que pretendiam resgatar a sabedoria e magia dos povos antigos, sobretudo do oriente.² Todavia foi no pós-guerra, quando a Inglaterra passava por mudanças sociais e culturais, que a emergência de uma espiritualidade que exaltava o folclore pagão de sua terra, foi abraçada com sucesso e logo disseminada.

A Wicca surge no cenário de um país em processo de desregulação da economia religiosa pelo Estado. Em 1951 são abolidas todas as leis contra a bruxaria na Inglaterra. É nesse contexto que Gerald Gardner (1884-1964) conseguiu, em 1952, escrever uma série de artigos sobre bruxaria para uma revista semanal de caráter popular. Gardner era funcionário público aposentado, antropólogo e arqueólogo amador, membro da

² Estão entre elas a Sociedade Rosa-cruz (1867) e a Sociedade Teosófica (1875), de caráter mais teórico, e a Ordem Hermética da Golden Dawn (1888) de caráter mais prático e mágico. Esses movimentos projetaram o retorno entre a intelectualidade e classe média do paganismo. Mas ainda permaneciam ligados à tradição judaico-cristã. A personagem que mais se desvincilhou e que autodenominou profeta da Novo Aeon, foi Aleister Crowley (1875-1947). Este mago foi um ex-Golden Dawn, um dos líderes da OTO - Ordo Templi Orientis (18) e fundador da A. . A. . Argenteum Astrum (1907).

Sociedade do folclore da Inglaterra, e de Ordens ocultistas, admirador de Crowley e amigo de Ross Nichols³. Posteriormente, em 1954, marcou a história da bruxaria moderna, ou Wicca, quando lançou seu livro: “A bruxaria hoje”.

Misturando magia cerimonial e feitiçaria, com literatura, celebrações, símbolos e mitos dos povos pagãos, sobretudo dos celtas, a Wicca lança no mercado religioso um produto onde a natureza é sagrada, a mulher endeusada, e a magia praticada. O movimento neopagão que surgiu nesse momento, romperá com o monopólio cristão e com o pensamento dicotômico, onde se um lado é bom, o outro tem que ser mau. Na Wicca os opostos são complementares e a diferença celebrada.

Nos Estados Unidos, a Wicca chega em terreno fértil na década de 1960. O Estado não só estava desregulado, como desacreditado, o desejo era ir contra as estruturas vigentes e respostas legitimadoras. No Brasil, chega no período de redemocratização do Estado, fins da década de 1980. A liberdade de expressão e escolha começa a crescer.

1. Por que a escolha da Wicca como religião?

No meio da grande variedade de produtos (doutrinas e práticas), oferecidos pelo mercado, que muitas vezes tem provedores (conjunto de organizações) amplamente apelativos, quais foram as “boas razões” para o mercado de seguidores (demanda) ter escolhido a Wicca como religião? Quais foram os custos e recompensas/compensadores para a entrada?

Evocamos aqui as dimensões da teoria da Escolha Racional que melhor podem nos ajudar a encontrar respostas para a adesão na Wicca:

Axioma 1: “A percepção e a ação humanas dão-se ao longo do tempo, do passado para o futuro.” Definição (Def).1 O *passado* consiste no universo de condições que podem ser conhecidas, mas não influenciadas. Def. 2 O *futuro* consiste no universo de condições que podem ser influenciadas, mas não conhecidas.

Axioma 2: “Os seres humanos buscam o que percebem ser recompensas e evitam o que percebem ser custos”. Def.3 *Recompensa* é tudo aquilo que, para ser obtido, incorre em custo para o ser humano. Def.4 *Custo* é tudo que os seres humanos tentam evitar.

³ Um dos fundadores do Druidismo moderno

Axioma 3: “As recompensas variam de acordo com o tipo, o valor e a generalidade.” Def.5 a recompensa A é mais *valiosa* que a B quando uma pessoa troca B por A. Def. 6 As recompensas são *gerais* quando incluem outras recompensas (menos específicas).”

Def.18 *Compensadores* são postulações de recompensa de acordo com explicações não imediatamente suscetíveis a uma avaliação não ambígua.

Proposição 3 Para solucionar problemas, a mente humana deve procurar *explicações*. Def.10 *Explicações* são afirmações sobre como e por que as recompensas podem ser obtidas e os custos, enfrentados.

1.1 Ser Wicca é privilégio e gera poder

Cook e Wimberley dizem que todas as sociedades utilizam compensadores. Sendo, talvez, o mais universal, alguma promessa de triunfo sobre a morte (COOK&WIMBERLEY, 1983, apud, STARK, 2008, p. 49).

A Wicca vê a divindade como imanente, sendo todas as coisas sagradas. A vida é vista como uma grande dádiva da Deusa, que está presente no mundo físico. A crença na vida após a morte é fruto da visão cíclica da vida. Mas o ciclo do renascimento não é fadado ao sofrimento. Uma das máximas wiccanas é: Todos os atos de amor e prazer são meus [da Deusa] rituais. É uma religião de culto à fertilidade. Assim, a função compensadora do triunfo sobre a morte existe na Wicca, mas sem destaque. Os olhares dos integrantes são voltados para a vida na terra, e seu percurso: passado, presente e futuro.

Nos questionários vimos a importância que os wiccanos dão à crença de “uma vez brux@, sempre brux@” e “O chamado da Deusa”, tendo 60% dos votos (com respostas múltiplas). Então deduzimos que ter sido brux@ em outras encarnações é um compensador substituto de uma linhagem familiar, condição essa valorizada no meio bruxo. E garantia da permanência dessa condição em outras vidas. Para Stark “o comprometimento com organizações religiosas depende do equilíbrio entre compensadores e custos que as pessoas percebem experimentar na participação” (STARK, 2008, p.56). Então a crença nessa condição de sempre bruxo, sugere que os bruxos experimentam recompensas/compensadores satisfatórios, já que desejam permanecer sempre nessa condição. Receber “o chamado da Deusa” revela ser uma afirmação dessa condição de escolhido. E esse privilégio explica a crença na proibição

completa de proselitismo, que, por sua vez, contribui para o não crescimento quantitativo e mantêm a mística na Wicca. Além de tornar a Wicca ecumênica. Sobre essa condição de privilegiados Gerald Gardner diz:

“A bruxaria não foi, e não é, um culto para todos. A não ser que você tenha uma atração para o oculto, um senso de fantástico, um sentimento de que você pode escorregar por alguns minutos deste mundo para o outro mundo de encantamento, ela não terá uso para você”. (GARDNER, 2003, p.31)

Afirmando a capacidade das religiões gerarem o sentimento de privilégio, Stark (2008, p.68) diz: “As organizações religiosas também funcionam como fontes de recompensas. Isso nos permite explicar o comprometimento religioso não pautado pela privação, mas como uma expressão religiosa do privilégio.”

A Wicca segundo a teoria, enquadra-se na condição de culto, pois é uma nova religião. A Def.58 diz “Um movimento de culto é uma organização religiosa desviante, com crenças e práticas novas”. Sobre esse caráter desviante da Wicca, nossos questionários revelaram que, 10%, ou seja, quatro pessoas, nas respostas múltiplas, marcaram como um atrativo na Wicca a “rejeição à cultura dominante cristã”. E a mesma quantidade marcou como motivação para permanência no primeiro ano: “gostava de coisas que a sociedade reprimia”. Esses dados foram insignificantes quanto à percentagem, mas sabemos que é comum os wiccanos gostarem de “coisas não convencionais” e pessoas com gostos exóticos se atraírem pela Wicca. Assim, a Wicca poderia ser uma recompensa para pessoas com gostos não convencionais.

A teoria também diz que os adeptos das novas religiões serão de classes mais privilegiadas e não das menos privilegiadas (STARK, 2006, p.51). Os nossos questionários revelaram que apesar de estarem em um nível de educação privilegiado, nós arriscamos dizer, que, ao menos entre nossos pesquisados, isso indica mais o interesse pelos estudos do que a um status socioeconômico. E esse acesso à nova cultura os leva à condição de privilegiados.

Dessa forma, avalia-se que um pouco mais que a metade dos wiccanos recifenses consideram-se privilegiados. E um dos marcos dessa passagem é o rito de iniciação, feito pela maioria. A não-prática da auto-iniciação revela insegurança e/ou crença na passagem de poder. Os bruxos acreditam que o poder reside no interior de seus corpos, mas saber usá-lo requer trabalho, orientação e experiência. Os que se auto-iniciam e solitários, portanto, têm que se esforçar ao máximo, demandando muita leitura e prática. A Def.15 diz que *Poder* é o grau de controle sobre a própria razão de troca. E

a P24 diz que “o poder de um indivíduo ou grupo está positivamente associado ao controle de organizações religiosas e à obtenção de recompensas disponíveis a partir delas.” No Brasil existem organizações wiccanas investindo na diminuição da tensão da Wicca com a sociedade externa e interna. A Arawicca, a IBWB e a UWB⁴ buscam a legitimidade da Wicca na sociedade e a união dos bruxos, ou seja, na sociedade interna. Dessa forma, os wiccanos experimentam o poder não só na condição de bruxos, mas também como representantes desses. No entanto, a última opção é facilmente alvo de críticas, os wiccanos não gostam de autoridades.

No papel de sacerdotes que coordenam tradições e covens, no Recife, entre os grupos que visitamos, apenas dois possuíam sacerdotes. E temos um depoimento via *e-mail* de um ex-integrante de um dos grupos, sobre abuso de poder cometido pelo sacerdote:

“No primeiro ano que passei com eles foi muito bom sabe, uma coisa tenho que reconhecer aprendi muita coisa com o *coven*. Mas depois de um ano a coisa toda começou a mudar de figura, o sumo-sacerdote e o mago-mestre do *coven* começaram a querer tomar conta das nossas vidas. Começou a ter punições, exemplo: você esqueceu uma reunião, vai comprar trinta metros de tecido ou uma peça fechada de cabo de rede (isso são exemplos leve) então a coisa começou a piorar. Eu fiquei porque tinha feito amigos de verdade lá. Mas quando foi em 2009 o *coven* tinha feito uma nova seleção em setembro, e estávamos com novos membros e quando foi em dezembro no *esbat* o mago mestre não queria deixar os novos membros participarem do *esbat*, e minha amiga falou que eles tinham direito de participar. Aí o mago mestre gritou com ela e mandou ela calar a boca. Pra mim foi a gota d água, quando foi no outro dia falei com meus amigos que tinha feito no *coven*, e saí logo depois, com uma semana eles saíram também, saímos quatro ao todo. [...] acho que o problema foi que o *coven* começou a crescer ficar famoso, entrou dinheiro, aí você sabe como é”.

Então, como disse nossa entrevistada Khalijnka, é “muito difícil dirigir bruxos, cada um vai pra um lado, são meio indirigíveis.” Eles não aceitam autoridades. Em grande parte dos casos e aqui no Recife especificamente, o controle é do indivíduo com a Wicca, com a religião, com os deuses, para obtenção das recompensas disponíveis a partir dela. Dessa forma, eles controlam a razão de troca, que confere o poder. Mas quais são as recompensas que os wiccanos procuraram? O que atraiu as pessoas foi: *o culto à natureza e a magia*. E o que as faz permanecer é a Wicca ser “*a religião que*

⁴ Arawicca: Associação brasileira de arte e filosofia Wicca. IBWB: Igreja de bruxaria e Wicca do Brasil. UWB: União Wicca do Brasil.

mais se encaixa nos seus modos de pensarem e os rituais fazem eles se religarem com a divindade.

O sentido das celebrações wiccanas é honrar as divindades repetindo anualmente seus mitos, mas, ao mesmo tempo, é se conectar aos mistérios, religar-se à divindade que é a natureza e o próprio wiccano. Para isso utiliza-se a magia que é a energia utilizada para gerar poder nos ritos. Os rituais podem ser vistos como o custo para alcançar algo, e é também. Mas, as entrevistas e os resultados dos questionários mostraram que essa prática já é, por si, uma recompensa também. O prazer de pertencer a essa religião está nessa relação, de poder cultuar os deuses antigos, de estar em uma religião que se encaixa com seu modo de pensar. O adepto se sente privilegiado.

A prática dos rituais e o controle da razão de troca que lhes confere poder, torna os adeptos seguros (poderosos) a respeito do controle da vida, e apontam para recompensas. As recompensas/compensadores religiosos na Wicca estão ligados ao conceito de magia apresentado a seguir.

“A magia baseia-se, com frequência, em suposições sobrenaturais. Mas no nível das pequenas suposições específicas, os conceitos de sobrenatural diluem-se em visões do mundo natural. Em particular, algumas formas modernas de magia frequentemente postulam a existência de entidades e forças (“magnetismo animal”, “orgone”, “id”, “aura”) que têm as mesmas funções dos conceitos primitivos de magia, mas soam mais científicas do que sobrenaturais”. (STARK, 2008, p. 54-55)

Quando as coisas não andam como desejadas, três princípios entram em ação: o autoconhecimento, a lei tríplice e a prática do feitiço. O autoconhecimento faz um levantamento do que foi plantado, para avaliar a colheita desejada. Juntamente com a crença de que tudo feito retornará em triplo. A prática do feitiço ou magia é feita a fim de gerar a mudança desejada.

“Quando os seres humanos não conseguem obter recompensas intensamente desejadas com facilidade e rapidez, eles persistem em seus esforços e podem, com frequência, aceitar explicações que ofereçam apenas compensadores” (STARK, 2008, p.48). No final das contas, o resultado, positivo ou negativo, representa a vontade dos deuses. Mas os wiccanos não esperam a recompensa em um outro contexto não verificável. O resultado, se positivo, será uma recompensa, se negativo, será um compensador, pois nada é por acaso. No futuro, ele colherá a recompensa. P 14. “Na ausência de uma recompensa desejada, as explicações serão frequentemente aceitas,

posicionando a obtenção da recompensa no futuro distante ou em um outro contexto não verificável”.

1.2 A Wicca desenvolve a leitura

A maioria dos pesquisados já tinham uma religião antes de migrar para a Wicca e não estava querendo encontrar uma.

Não é de surpreender que as pessoas frequentemente fiquem com uma explicação que parece funcionar, sem jamais terem testado outras possíveis. Porque as explicações só podem ser testadas por meio de um processo que realmente invista um mínimo de custo requerido para obter a recompensa desejada. (STARK, 2008, p.47)

Por que as pessoas investiram na Wicca? vimos nos questionários que algumas pessoas eram acomodadas em sua antiga fé, não proferiam nenhuma crença, ou estavam bem com sua religião anterior. E também se viu que muitas sofreram para manter sua fé. Esse risco do investimento mínimo parece ter sido possível às pessoas que fizeram essa empreitada, acreditarem anteriormente nos novos conceitos trazidos pela Wicca. Esse pensamento exemplifica-se na opção mais marcada por eles para sua permanência: “é a religião que mais se encaixava no meu modo de pensar”. E para chegar a essa conclusão e defender sua luta, assim como possibilitar a entrada e continuidade na religião, eles tiveram que praticar bastante a leitura.

Considera-se então que o wiccano é um estudioso. De acordo com os questionários, conheceu a Wicca por livros e amigos e deu continuidade aos estudos por livros e internet. Vimos nos depoimentos das entrevistadas e nos questionários o quanto a leitura foi importante e, ainda temos o depoimento da garota que roubou livros de Wicca. Ela nos contou que toda tarde, depois da aula, ia à livraria ler, e uma amiga de classe dela sabia de seu hábito e de seu gosto. Essa amiga tinha o vício de roubar coisas, e um dia chegou com um livro de bruxaria para vender a ela bem baratinho. Então, um certo dia, impulsionada pelo exemplo dessa amiga, fez a proposta do roubo a outra amiga também praticante. Então, chegando à estante de livros, as duas ficam no chão, sentadas lendo. E no momento propício, ela põe três livros na mochila da amiga. Na divisão, ela ficou com dois e a amiga com um. As duas são wiccanas até hoje (isso foi em 2002), e nossa depoente conta que retribuiu a “doação forçada”, há muitos anos, à livraria, pois só faz compras lá, tendo inclusive o cartão de crédito da loja.

A leitura também é um escudo contra o preconceito, e às vezes uma arma. O conhecimento da sua religião e a “do vizinho” deixa o adepto preparado para possíveis acusações contra ele, e a comentários a favor dele. Mas, o que se pretende com o conhecimento é alcançar a sabedoria. Essa é atributo da velhice. No entanto, esse estado não depende apenas da idade fisiológica. Todo ano a natureza cresce, amadurece e morre e os wiccanos tentam seguir, sintonizando com esse ciclo. Outra característica advinda da qualidade de manter a leitura é o diálogo com a ciência. Eles a utilizaram não só para compor suas crenças: “os primeiros livros sagrados dos neopagãos foram textos antropológicos” (NIGHTMARE, 2007, p.33), como a usam para desenvolvê-las e mesmo desconstruí-las, para atualizá-las. Como quando Frederic Lamond, em *Fifty Years Of Wicca*, no primeiro capítulo, questiona sobre a autenticidade da versão de Gardner do ofício. Ele diz "Isso não importa! O feitiço funciona para você? Será que isso importa, se os rituais que ele trouxe para você, são de três ou três mil anos?". (LAMOND, 2004, p.12). A não prática de outras religiões, (indicada nos questionários em 90%⁵), também demonstra a satisfação do wiccano por sua escolha, feita por escolha própria e mediante estudos.

Assim, considera-se que o *status* de leitor está associado positivamente à frequência de participação na Wicca, e está positivamente associado à recompensas religiosas e negativamente a compensadores religiosos. O que possui mais leitura tem mais grau de controle sobre a própria razão de troca. Mas deve-se citar também que a constante leitura é acompanhada ou é sucedida pela prática.

Em suma, a Wicca desperta interesse em pessoas que veem a divindade não como sobrenatural, mas como natural. Que desejam em suas práticas religiosas se integrar à divindade imanente. Desperta interesse em pessoas que já professam uma fé ou não, e encontram na Wicca o modelo de crença que mais se encaixa em seu modo de pensar. O adepto, com o desenvolvimento da leitura e o exercício da prática que apresentam as explicações - que pode ter o intermédio de uma tradição ou sacerdote de um grupo - pode alcançar o controle sobre a própria razão de troca, que significa poder. Ainda ser wiccano causa a sensação de ser privilegiado.

2. A permanência é plausível?

⁵ Dos 10% que praticam (7,5%) praticam o espiritismo (uma pessoa que escreveu essa opção, também escreveu Hare Krishna), e (2,5 %) o catolicismo. Quem indicou catolicismo possui 57 anos idade.

Foi por meio do pluralismo, ou seja, da desregulação da economia religiosa pelo Estado, que a Wicca conseguiu entrar e se manter como uma oferta religiosa no mercado religioso. A Wicca não é uma “tradição religiosa convencional”, causando uma “tensão com o ambiente sociocultural”. E essa tensão é em grau elevado, visto seus preceitos neopagãos chocarem-se com as respostas legitimadas socialmente. Dessa forma, quais são os custos e recompensas/compensadores para a permanência do adepto?

Evocam-se também aqui as dimensões da Escolha Racional que melhor nos podem ajudar a encontrar respostas para a permanência na Wicca:

Axioma 4: “A ação humana é orientada por um sistema de processamento de informações complexo, porém finito, de modo a identificar problemas e buscar soluções para eles.” Def.7 A *mente* é o conjunto de funções que direciona as ações de uma pessoa. Def.8 Os *problemas* humanos são situações recorrentes que requerem investimentos (custos) específicos para que as recompensas sejam obtidas. Def.9 *Solucionar* um problema significa imaginar possíveis meios de alcançar a recompensa desejada, escolher aquele com maior probabilidade de sucesso à luz das informações disponíveis e direcionar a ação ao longo da linha escolhida até que a recompensa seja alcançada.

Axioma 7: “os atributos individuais e sociais que conferem poder são desigualmente distribuídos entre as pessoas e grupos de uma sociedade.” Def.15 *Poder* é o grau de controle sobre a própria razão de troca. P28 “Todos os padrões de percepção e ação humanas são condicionadas pela socialização. Def.24 *Socialização* é a acumulação de explicações ao longo do tempo por meio de trocas com outras pessoas.

2.1 Wicca e sociedade

O único problema referente à permanência na Wicca, que teve votação por mais da metade dos pesquisados foi: “Não ter um local adequado para praticar os rituais (68,57%)”. E as outras opções mais marcadas foram “Pré-conceito da família (45,71%)” e “Pré-conceito da sociedade (45,71%)”. Dessa forma, tratando-se de análise geral, as principais dificuldades são externas aos praticantes e estão ligadas às estruturas de plausibilidade.

“A socialização procura garantir um consenso perdurável no tocante aos traços mais importantes do mundo social. O controle social procura conter as resistências

individuais ou de grupo dentro dos limites toleráveis” (BERGER, 1985, p.42). Para escorar esse oscilante edifício da ordem social, Berger aponta outro processo centralmente importante: a legitimação, que é o “saber” socialmente objetivado que serve para explicar e justificar a ordem social (BERGER, 1985, p.42).

No último livro de Gardner “O significado da bruxaria” (1959), ele comenta sobre um artigo publicado em um jornal da Bretanha:

“Em entrevista com um médico, que pratica em Midlands e que acredita firmemente na bondade e beleza da religião das bruxas. Ele afirmou, dada a oportunidade, que acreditava que a bruxaria pudesse torna-se novamente uma religião praticável e nobre. O jornal comentou sua declaração dizendo: “Como um ser humano responsável poderia acreditar que algo condenado pela Igreja como uma monstruosidade fosse uma religião?”. (GARDNER, 2004, p.271)

O contexto social que a Wicca vive hoje é totalmente diferente da época de Gardner. No entanto, os problemas quanto à intolerância religiosa ainda permanecem. A sociedade atual ainda é composta de inúmeras legitimações ultrapassadas, que através das igrejas são rememoradas, garantindo à sociedade a validade dos seus valores e justificativas. Os neopagãos segundo Adler são “pessoas que, por casualidade, circunstância, fortuna, e ocasionalmente luta, escaparam de certas formas de enculturação” (ADLER, apud, OLIVEIRA, 2004, p. 184,185). Como citamos anteriormente, através da leitura ele se identifica com o modo de pensar pagão, que na verdade, para ele, já era pré-existente em seus ideais. Sobre esse processo de reencontro (que é o chamado da Deusa) e não de conversão, Rosalira Oliveira diz que, isso implica a não aceitação acrítica de verdades externas e no privilégio da compreensão – tanto emotiva quanto intelectual – em detrimento da “crença” (OLIVEIRA, 2004, p. 185).

A Wicca tem organizações que conquistaram e vêm buscando legitimidade na sociedade. A Igreja de Bruxaria e Wicca do Brasil (IBWB) é fruto justamente dessa necessidade de apoio legal aos praticantes, e a União Wicca do Brasil (UWB) também vem buscando dar legitimidade social para a Wicca. Essa busca de legitimidade ganha força junto à parcela da sociedade que busca valores mais adequados ao momento atual, e luta contra a intolerância contra a minoria. Apesar de a Wicca buscar seus ensinamentos, crenças, e modo de viver dos povos pagãos pré-cristãos europeus, reformula sua identidade com os ganhos da modernidade. Ou melhor, como diz Rosalira Oliveira, baseada em Graham Harvey, é o novo que serve de parâmetro para a releitura

do velho. Um dos pontos centrais dessa releitura é “a crítica à visão de mundo que triunfou com a modernidade. Essa cosmovisão é encarada, pelos neopagãos, como responsável pela alienação do homem diante de si mesmo, da sua comunidade e do seu lugar na Teia da Vida” (OLIVEIRA, 2004, 117).

No entanto, é sabido que nossa sociedade ainda tem a noção do homem como “o senhor do universo”, e é legitimada pelo poder patriarcal, no qual a estrutura das instituições é, basicamente,

“...piramidal: um homem ao alto controla muitos abaixo. Os homens competem por dinheiro e pelo poder sobre os outros. A maioria, que não alcança o topo da corrente de comando, é forçada a permanecer imatura, desempenhando o papel de filho rebelde ou cumpridor dos seus deveres. Os filhos zelosos buscam agradar eternamente ao pai através da obediência, os maus filhos buscam derrubá-lo e tomar o seu lugar. De qualquer maneira não estão em contato com seus próprios desejos e sentimentos”. (STARHAWK, 2010, p.172)

Dessa forma, os preceitos da Wicca não se enquadram nesse mundo socialmente construído e se torna carente de acordo com a teoria de Peter Berg, de uma estrutura de plausibilidade para que suas respostas façam sentido.

No entanto, apesar de uma estrutura de plausibilidade deficiente – não a consideramos nula - os wiccanos vêm proclamando que rememoram as “respostas legitimadoras” pagãs (um sentido de mundo alternativo oferecido por uma outra sociedade), mesmo sem uma “base” socioestrutural segura. E a validade das respostas legitimadoras não só tem sido útil, como tem tido sucesso, com grande crescimento nos últimos 50 anos no mundo, e nos últimos 20 anos no Brasil. Ou seja, os custos gerados pelos problemas socioestruturais, são solucionados de alguma forma e transformados em recompensas ou compensadores.

Observamos que os problemas externos apontados pelos wiccanos recifenses foram solucionados da seguinte forma: “Faço meus ritos em qualquer lugar, o que importa é minha intenção” (51,42%), e “Pensando que o que importa é acreditar nos deuses e na lei tríplice (48,57)”. Na falta de estruturas de plausibilidade, outros meios são acionados para alcançar a recompensa desejada. A primeira resposta funcionou como uma recompensa e a segunda como um compensador.

“Ir contra a ordem da sociedade como é legitimada religiosamente é, todavia, aliar-se às forças primevas da escuridão. Negar a realidade como foi socialmente definida é arriscar-se a precipitar-se na irrealidade, porque é quase que impossível a longo prazo sobreviver

sozinho e, sem respaldo social, manter de pé as próprias contra-definições de mundo”. (BERGER, p.52)

Apesar de constar nos questionários que a maioria dos adeptos da Wicca no Recife, em algum momento, participou de grupos, e mesmo os que não participaram, interagem com outros adeptos pessoalmente ou pela internet, mesmo assim, ser wiccano no Recife, mostrou-se ser ainda um exercício de arriscar-se a precipitar-se na irrealidade. E manter de pé as próprias contradefinições de mundo é o mais difícil, como se observa nos depoimentos de Atalanta e Tara, a primeira foi chacota da família e omite sua religião no emprego e a segunda foi mandada para o psiquiatra, fez terapia durante quatro anos, foi agredida verbalmente e fisicamente na rua, e na escola ficou sem amigos. Essas histórias aconteceram por volta de dez anos, mas nos questionários, mesmo não sendo maioria, observamos o problema com a família e a sociedade.

Entretanto, algumas pessoas se encantam pela Wicca, mas não têm coragem ou não acham pertinente “aliar-se às forças primevas da escuridão”. E o resultado disso é a criação de práticas distorcidas e contraditórias da Wicca, tais como a Pink Wicca e a Wicca Cristã. Mas tem as organizações que, como já citamos, tentam legitimá-la politicamente, ou seja, dar-lhe respaldo social sem descaracterizá-la.

2.2 Wicca: uma religião da Terra

“A dificuldade em obter recompensas intensamente desejadas não só produz uma sensação à qual chamamos de frustração, mas também leva a uma perplexidade intelectual e lógica. Como as pessoas sabem se estão no caminho certo? Como avaliam as explicações nas quais baseiam suas ações?”. (STARK, p.45)

Dos 40 pesquisados, nove pessoas passaram pelo conflito de pensar em desistir. Mas apenas quatro realmente desistiram por um tempo, e duas deixaram só de praticar. Eles somam muito menos do que a maioria, mas serve para entender os problemas que assolam alguns wiccanos. Os problemas com a família novamente aparecem aqui: três praticantes que realmente desistiram o fizeram por conta da família. Uma pesquisada deu depoimento que desistiu depois de levar uma surra dos pais. Ela realmente parece ter tentado não mais voltar, pois no intervalo em que se afastou dois a três anos, frequentou outras religiões, mas que não a completaram e a decepcionaram. O encontro de outros bruxos foi que a instigou a voltar. Esse é um dado importante, a socialização

com bruxos a fez lembrar as explicações que a deixavam atraída pela Wicca, o respaldo wiccano indicou que o mundo alternativo que ela tentara esquecer existia e ela não estava sozinha. Novamente, então, ela acionou os custos, e para mantê-los com tanta persistência, ela tem que receber pelo menos compensações e sonhar com a transformação em recompensa aqui na terra. Os outros dois retornaram porque ouviram “o chamado da Deusa”.

Nossas entrevistadas tiveram experiências bem interessantes. Atalanta se sentiu abandonada, e ficou com medo da responsabilidade. Será que estou fazendo certo? Pensou. Dito de outra forma, ela sentiu medo de sair do mundo legitimado e ficou insegura se iria conseguir permanecer no novo mundo, alternativo, sustentado em terreno movediço. Mas ela conta que nunca desistiu, mesmo com todos os problemas custosos que enfrentou. Ela diz que hoje não consegue se ver fazendo ou sendo outra coisa. Ou seja, sua estrutura de mundo alternativa não só é plausível, como legítima. Na entrevista, reconhecem-se recompensas ganhas por ela enquanto praticante e ativista. Nada material, mas nem tampouco algo reservado para um outro contexto não verificável. As recompensas na Wicca na maioria das vezes são realizadas na Terra.

Khalijnka desistiu de fato, como ela disse, “rompeu com Deusa”. Havia algo que ela queria muito, e que tinha saído de vez da sua vida. Ou seja, a não obtenção da recompensa intensamente desejada por ela, produziu a sensação de frustração e a perplexidade intelectual e lógica: estou no caminho certo? Ela nos disse que, após o rompimento, levou uma queda que rompeu os ligamentos da perna e ela ficou de 04 a cinco meses sem andar. Mas ela diz que não considerou o acidente como castigo, e sim como parte do surto que a fez também romper com a Deusa, e a deixava não saber o que queria da vida. Ela considera que, como bruxa, tinha um complexo de poder, e teve que literalmente parar, para entender que o mundo não girava em torno dela. Ou seja, com a nova frustração do acidente, ela avaliou as explicações nas quais baseava suas ações (o rompimento). Ela disse emocionada que voltou à Wicca porque é encantada pela Deusa e ouviu novamente o chamado.

Novamente aparece aqui o fator “poder” e o “chamado”. Segundo Stark Def.15, *Poder* é o grau de controle sobre a própria razão de troca. Os wiccanos parecem - pelo fato de se sentirem privilegiados mediante o chamado e a condição de bruxo - manter o controle da razão de troca com os deuses. Mas como também se consideram deuses e ao mesmo tempo realizam o culto aos deuses, também acionam compensadores quando algo não sai como esperado. Mas, ao contrário do que parece, isso não é uma

contradição. Dito em primeira pessoa, é o seguinte: à medida que eu cultuo os deuses e eu próprio sou os deuses, quando algo não sair como o esperado, irá ser porque os deuses assim quiseram, justamente porque assim eu mesmo quis, pois quem provocou os resultados fui eu mesmo, com meus atos, mesmo que inconscientemente.

A Wicca é uma religião da Terra em todos os sentidos. O humano (do latim: *humus*) veio da terra que é o corpo da Deusa, e quando morrer voltará para ela, para novamente renascer dela e nela. E por meio dela, ele controla sua vida, semeando custos para obtenção das recompensas paridas do corpo dela.

Então se, como defende Stark, Def.3, *Recompensa* é tudo aquilo que, para ser obtido, incorre em custo para o ser humano, e Def.18, *Compensadores* são postulações de recompensa de acordo com explicações não imediatamente suscetíveis a uma avaliação não ambígua, podemos considerar ser a Wicca uma religião mais de recompensas do que de compensações.

Referências

BERGER, Peter L. **O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião.** São Paulo: Paulinas, 1985.

GARDNER, Gerald B. **A bruxaria hoje.** São Paulo: Madras, 2003.

_____. **O significado da bruxaria.** São Paulo: Madras, 2004.

LAMOND, Frederic. **Fifty years of Wicca.** 1. ed. Green Magic, 2005.

NIGHTMARE, M. Macha. **Bruxaria na internet: conexões on-line das tradições pagãs.** Rio de Janeiro: Nova Era, 2007.

OLIVEIRA, Rosalira. **Tecendo vínculos com a terra, paganismo contemporâneo: percepções, valores e visão de mundo.** 2004. 309 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2004.

STARHAWK. **A dança cósmica das feiticeiras: guia de rituais para celebrar a Deusa.** 8 ed. Rio de Janeiro: Nova Era, 2010.

STARK, Rodney. **Uma teoria da religião.** São Paulo: Paulinas, 2008.

_____. **O crescimento do cristianismo: um sociólogo reconsidera a história.** São Paulo: Paulinas, 2006.

